

Iole de Freitas mostra escultura gigante no Paço

Divulgação

EDUARDO PINHEIRO

Mais de cinco metros de altura, outros tantos de largura, e um metro e meio de profundidade. É mesmo grande. A escultora Iole de Freitas precisou de dez anos de pesquisas para fazer peças monumentais que, simplesmente, não desabassem. Mais surpreendente, ela acredita que o resultado traduz leveza, harmonia, flexibilidade e transparência, entre outros conceitos incomuns quando se pensa em materiais como telas e fios de aço, cobre, bronze e latão.

A obra — trazida de caminhão desde São Paulo, onde foi exposta na Capela do Morumbi — ocupa uma parede inteira da exposição que Iole inaugura hoje, às 19h, no Paço Imperial, e que desde já considera como a mais importante que apresentou no Rio. Logo na entrada, outro “gigante”, de altura e largura superiores a quatro metros, cai como uma luva para dar o tom ao visitante.

— Foi uma conquista, montar coisas deste tamanho. A maior não pesa mais do que cem quilos. Poderia chegar a toneladas, considerando as dimensões — diz Iole, que completa a mostra com mais seis trabalhos.

As esculturas, como a própria exposição, não têm nome. É que a artista radicaliza na tese da “lógica interna”, recusando qualquer definição que não tenha por base questões estéticas como o perfeito equilíbrio dos planos. Ela identifica um lado



Telas e fios metálicos compõem a obra trazida de caminhão para o Rio

barroco na concepção das peças, principalmente a oposição entre opacidade e transparência, e a sensação de que “saltam para fora” na direção de quem olha.

Artista formada na Europa na década de 70, onde participou das bienais de Paris e Veneza, Iole mantém o otimismo com relação ao destino das artes plásticas no Brasil, apesar da carência de infra-estrutura.

— Criamos uma tradição sólida na arte contemporânea desde a década de 50, com Amílcar de Castro, Hélio Oitica e outros. Por isso temos jovens participando da Documenta de Kassel. A qualidade supera a carência de museus e verbas — elogia Iole, que pôde montar a exposição no Paço graças à uma bolsa da Fundação Vitae e ao patrocínio da Shell.